Domingo X (C) do Tempo Comum

Evangelho (*Lc* 7,11-17): Naquele tempo, Jesus foi a uma cidade chamada Naim. Os seus discípulos e uma grande multidão iam com ele. Quando chegou à porta da cidade, coincidiu que levavam um morto para enterrar, um filho único, cuja mãe era viúva. Uma grande multidão da cidade a acompanhava. Ao vê-la, o Senhor encheu-se de compaixão por ela e disse: «Não chores!». Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o carregavam pararam. Ele ordenou: «Jovem, eu te digo, levanta-te!». O que estava morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram tomados de temor e glorificavam a Deus dizendo: «Um grande profeta surgiu entre nós», e: «Deus veio visitar o seu povo». Esta notícia se espalhou por toda a Judeia e pela redondeza inteira.

«Não chores!»

Rev. D. Antoni CAROL i Hostench
(Sant Cugat del Vallès, Barcelona, Espanha)

Hoje, também nós gostaríamos de enxugar todas as lágrimas deste mundo: «Não chores» (Lc 7,13). Os meios de comunicação mostram-nos - hoje mais do que nunca - as dores da humanidade. São tantas! Se pudéssemos, diríamos a tantos homens e mulheres: «levanta-te» (Lc 7,14). Mas..., não podemos, não podemos, Senhor! Sai-nos da alma dizer: - Olha, Jesus, que nos vemos vencidos pela dor. Ajuda-nos!

Diante desta sensação de impotência, procuremos reagir com sentido sobrenatural e com sentido comum. Sentido sobrenatural, em primeiro lugar, para nos pormos imediatamente nas mãos de Deus: não estamos sós, «Deus visitou o seu povo» (Lc 7,16). A impotência é nossa, não d'Ele. A pior de todas as tragédias é a moderna pretensão de edificar um mundo sem Deus e, inclusive, de costas voltadas para Deus. Claro que é possível edificar "algo" sem Deus, mas a história tem-nos mostrado abundantemente que este "algo" é frequentemente desumano. Aprendamos de uma vez por todas: «Sem mim não podeis fazer nada» (Jo 15,5).

Em segundo lugar, sentido comum: a dor, não a podemos eliminar. Todas as "revoluções" que nos têm prometido um paraíso nesta vida, acabaram semeando a morte. E mesmo no hipotético caso (um impossível!) de que algum dia se pudesse eliminar toda a dor, não deixaríamos de ser mortais... (certamente, uma dor a que só Cristo-Deus deu uma verdadeira resposta).

O espírito cristão é "realista" (não esconde a dor) e, ao mesmo tempo, "optimista": podemos "gerir" a dor. Mais ainda: a dor é uma oportunidade para manifestar amor e para crescer no amor. Jesus Cristo – o "Deus próximo" percorreu este caminho. Em palavras do Papa Francisco, "comover-se ("mover-se com"),

compadecer-se (“padecer com”) do que está caído, são atitudes de quem sabe reconhecer no outro a sua própria imagem [de fragilidade]. As feridas que cura no irmão são unguento para as suas próprias. A compaixão converte-se em comunhão, em ponte que aproxima e estreita laços”.